

## **O cabelo: raízes do empoderamento de crianças negras na construção de identidades de gênero no contexto escolar**

**Célia Regina Cristo de Oliveira<sup>1</sup>**

**Prof. Dr<sup>o</sup> José Roberto da Silva Rodrigues<sup>2</sup>**

### **Introdução**

O trabalho, parte integrante do produto<sup>3</sup> a ser apresentando, para fins de conclusão no Curso de Mestrado Profissional em Ensino da Educação Básica consiste num relato de experiências iniciado em uma turma de 3º ano do ciclo de alfabetização (com enorme distorção série/idade), no ano de 2014, tendo sua continuidade com parte desse grupo, os que foram promovidos para o 4º ano de escolaridade, no CIEP B. M 227 Procópio Ferreira, situado em Nova Campinas, bairro do Terceiro Distrito (Imbariê) de Duque de Caxias, Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Região bastante empobrecida marcada por altos índices de exclusão social e violência, para a qual se observa a ausência de políticas públicas mais eficazes. Acentuadas pela chegada de famílias inteiras vindas de comunidades e regiões, consideradas estratégicas da cidade do Rio de Janeiro, marcadas, também pelo alto índice de violência, pelo tráfico de drogas e a instalação das UPPs (Unidades de Polícia Pacificadoras) que contribuem para o êxodo desse grande contingente humano. Lá se vão corpos, memórias, histórias de vida raízes identitárias que buscarão em outro lugar, espaços de novas convivências e novas comuns uniões (comunhões).

---

<sup>1</sup> Mestranda no Programa de Pós Graduação em Ensino da Educação Básica– Curso de Mestrado Profissional-PPGEB/CAP-UERJ, professora dos anos iniciais. Professora SME/Duque de Caxias/RJ, Grupo de Pesquisa Laboratório do Ensino de História/UERJ (LEH-CAP) Linha de pesquisa Espaços Educativos e Desigualdades/ [celiachristo@yahoo.com.br](mailto:celiachristo@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> Doutor em Educação pela PUC-Rio./ Professor do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (Cap-Uerj)/ Programa de Pós-Graduação de Ensino de Educação Básica – Curso de Mestrado Profissional-PPGEB/CAP-UERJ /Grupo de Pesquisa Laboratório do Ensino de História/UERJ (LEH-CAP) Linha de pesquisa Espaços Educativos e Desigualdades/ [zrsrodrigues@yahoo.com.br](mailto:zrsrodrigues@yahoo.com.br)

<sup>3</sup> Nesse caso, um Projeto de transformação.

**Intitulado O cabelo: raízes do empoderamento de crianças negras na construção de identidades de gênero no contexto escolar** tem por objetivos à promoção da discussão da temática das relações raciais e de gênero no cotidiano escolar, iniciando pelo tema identidade. Tal proposição é uma forma de tornar o currículo escolar mais aberto às temáticas transversais compreendendo que as mesmas são necessárias e urgentes na construção de conhecimentos de estudantes de regiões cujas características foram descritas acima. Além de possibilitar às construções e olhares outros sobre o corpo negro de forma positiva. E não apenas deles, mas de todos os estudantes brasileiros. Concordando com o professor Muniz Sodré, 1996, que afirma: *“Na cultura negra o corpo é fundamental”*(p. 31). Pois sabemos o quanto este corpo, que fala, dentro e fora da escola, é negado e silenciado ao longo de sua trajetória enquanto sujeitos datados (histórico-culturalmente).

A metodologia vem se inserindo no campo das pesquisas qualitativas de caráter etnográfico, o que tem me possibilitando estar diretamente com os sujeitos da pesquisa bem como pensar com eles e a partir deles os processos metodológicos. Nesse sentido, o estudo do cotidiano escolar é terreno fértil para este tipo de análise. Também trago, neste campo, à luz das pesquisas (auto) biográficas que passam a ter um outro olhar, uma vez que, minha trajetória profissional, como mulher negra, é refletida e se espelha nessas práticas. As pesquisas (auto) biográficas proporcionam no campo educação momentos únicos em que pode-se explicitar as trajetórias e contribuições relevantes de práticas docentes para o campo educacional. Sobretudo, no que tange o tema das relações raciais, mergulhar no universo de mulheres negras, possibilitando que suas contribuições pedagógicas, com reflexões teórico-práticas cheguem a narrativas como esta, embora já aconteça, ainda percebe-se como uma raridade.

O recorte a ser feito neste trabalho traz o corpo negro, sobretudo da mulher negra como principal agente de transmissão de conhecimento. A realização de atividades práticas, desenvolvidas em sala de aula, com crianças negras foram reveladoras do que o corpo negro é capa de produzir, e as marcas que deixa na trajetória dos estudantes das classes populares

Quanto aos resultados, trago reflexões que me possibilitaram reafirmar o que venho construindo como prática, há alguns anos, que quando de fato inserimos temas em salas de aula onde os estudantes possam se reconhecer e se identificar, o aprendizado toma um novo sentido. E nesse caso, ele foi bastante significativo por ter provocado diversas reações tanto nos estudantes quanto, por extensão, aquelas e aqueles que convivem com eles.

De acordo com Levinas, 1988: *Não sei se podemos falar de “fenomenologia” do rosto, já que a fenomenologia descreve o que aparece.* Este trabalho pretende dialogar sobre as causas e consequências do racismo motor de disputas diversas e de domínio sobre o corpo das mulheres negras, sua (in)visibilidade sobretudo em seu cabelo, como via de (des)empoderamento de sua identidade. O racismo científico ancorado pelo cristianismo forjou e propagou um corpo negro (das mulheres negras) desagregado de valor e pertencimento humano. A cosmogonia africana que une corpo e mente à sua ancestralidade, a um lugar de pertencimento é desrespeitada, invisibilizada. O cabelo, como identificador do rosto do outro é um dos primeiros elementos que revela ou não as diferentes presenças na sociedade e na escola, como fator de resistência.

***Um breve tempo da infância/adolescência: descobertas de si, descoberta do outro – o racismo e exclusão na escola.***

Minha infância e adolescência foram marcadas por diversas situações que envolvem os valores civilizatórios afrobrasileiros e africanos. Sim, quero potencializar estes valores, pois ao longo de minha existência eles sempre estiveram presentes, porém nunca ativados sob a luz da consciência, do empoderamento, entretanto nas relações familiares sempre comunitárias, aprendi a dividir o *pão*, o pão simbolizado pelas trocas e práticas do comunitarismo: tínhamos tudo em comum, roupas, sapatos, livros, lápis, borracha, apontador. Dores e alegrias também eram partilhados. Dormíamos juntos no mesmo cômodo, num barraco com dois cômodos, éramos quatro e com o tempo a família cresceu e, nos tornamos cinco morando em um

barraco, depois éramos seis morando em uma casa com apenas um quarto, mas que já tinha sala, cozinha e banheiro. Passado mais um pouco o tempo éramos sete, oito, nove e enfim dez pessoas morando em um pequeno apartamento com dois quartos, sala, cozinha e banheiro. Durante todo este tempo compartilhar, coabitar, coexistir era minha experiência mais forte, durante os primeiros anos de minha vida aprendi a reconhecer o que me reservava o futuro, o tempo de viver em comum, com outros sujeitos, atravessado por novos *espaçostempos* que me constituem gente. E assim nos meus tempos familiares aprendi a falar, a ler e escrever. Aprendi a cuidar na medida em que fui cuidada, aprendi a sorrir e chorar. Aprendi o tempo da casa, o tempo da escola, o tempo do namoro no portão, o tempo das escolhas das amizades, muitas que trago até a fase atual da minha vida. O tempo tem sido o balizador do meu aprendizado, o tempo me fez criança feliz, que subia em árvores, que brincava de roda, que aprendeu com a sua mãe a desenhar o sol no chão para que parasse de chover. Às vezes funcionava, às vezes não! Minha mãe dizia que São Pedro estava chateado, por isso que chovia tanto.

Nesse tempo queria ser amiga de colegas brancas e brancos, tive alguns, pois eles queriam apenas usar meus lápis de cor (novinhos), depois a amizade acabava. Neste tempo tive vários nomes: neguinha, nega fedorenta, macaca, nega do cabelo duro. Eu achava que era sempre brincadeira, até compreender que não era, pois ao brincar de chamar o outro de dente pobre, amarelo, macarrão sem molho, branca azeda, a resposta, o revide era mais forte. Meus colegas de escola aprendiam mais rápido a me ofender e ofender meus colegas negros do que escrever. Foi difícil entender quem era meus amigos e quem não era. Depois compreendi que amigo era aquele que sofria a mesma coisa que eu. Acho que deveria ter muito mais amigos, mas a gente não falava que sofria racismo, por isso não nos uníamos. A gente nem sabia o que era isso! Sabia que o colega era implicante! De tantos tempos ora calada, ora revidando os insultos fui aprendendo a me defender e defender meus amigos e irmãos. Aos poucos vamos criando estratégias de sobrevivência na escola e fora dela. Para ter vez e voz é preciso ter astúcia.

## ***Currículo e corpo- espaços de negociação/ Gênero e potencia feminina – vigilância e punição***

As questões de gênero embora muito propagadas, ainda vêm sendo construídas de forma muito tímida no currículo escolar. Digo isso, por comprovar o quanto fazer este tema se inserir e tal qual fazendo recorte racial ainda é um divisor de águas na escola. Fala-se em respeitar as mulheres e seus direitos, por exemplo, no entanto, não se apresenta nada de concreto, além de uma flor (para falar da materialidade de um gesto) como atitude de fato de respeito. Pois uma flor recebida hoje, não necessariamente significa o respeito que se deseja o ano inteiro, a vida inteira. Logo, chegamos à compreensão de que ser mulher e, sobretudo, negra é um desafio diário de construção de respeito, de afetos, com e muitas afetações.

Negamos essa potência. Na escola silenciemos as crianças, seus corpos, vigiamos e punimos, recriminamos seus gestos, suas indumentárias forma do padrão estabelecido pelo sistema (uniforme). Recriminamos seus cabelos. Ensinamos que tem que cortar pentear, que tem baixar o “pixaim”, as crianças negras ao verem a imagem de uma menina tão negra quanto elas e com uma grande aliada que é a sua própria mãe percebem as dimensões afetivas nesse contexto. Percebem as dimensões de respeito pelo seu corpo e reforço em sua autoestima. Nesse sentido, que desafios perpassam à escola e seus currículos praticados? Que construções identitárias estão presentes nesses contextos, que passam à margem dos documentos oficiais, que apontam currículos mais abertos, democráticos, com maior diálogo entre os docentes, comunidade escolar, enfim, currículos possíveis de serem praticados em respeito às alteridades presentes nas escolas, entretanto, acredito, nos aramos com barreiras que extrapolam fronteiras: as subjetividades. Até que ponto as subjetividades de quem tem o dever moral de trabalhar com ética, com cidadania para que todas as construções identitárias sejam respeitadas, não são movidas por questões atuais que vêm marcando a sociedade com cenas de intolerância, desamor, desrespeito a ponto de não ver o outro, como alguém, que traz características singulares, tanto quanto às minhas e que precisam ser respeitadas?! Desta forma, em nome da religião da diretora, da religião da professora, do conjunto de

estudantes que pertencem a uma determinada comunidade, a história da Tayó certamente não faria parte desse cotidiano, pois apresenta trechos que explicitam marcas singulares das religiões de matriz africana, ressalta a beleza de mulheres negras africanas e sua relação com a natureza, algo, impensável para a cultura ocidental, que ao longo do tempo busca coonstruir uma a imagem positiva de si e de seus descentes, apagando, negando e destruindo a imagem de outros povos e culturas.

É preciso resgatar essa potência feminina, em nossas crianças, em nossas meninas-mulheres negras, bem como é preciso contribuir para a construção do respeito entre os meninos-homens, que também, hoje, sofrem com a falta de amor e autoestima.

***Projeto de transformação: A história das minhas inquietações/afetações: sem perder a raiz...***

SPIVAK, 2010 alerta sobre o perigo de se *constituir o outro e o subalterno apenas como objetos de conhecimento por parte de intelectuais que almejam meramente falar pelo outro*. Neste sentido, este trabalho, fruto de muitas inquietações se inicia com a fala de estudantes, que foram meus alunos, na condição de coautores deste relato, pois é a partir de suas falas que minha reflexão se inicia.

*“...Eu achei ela linda... como eu queria ter o cabelo dela, eu queria ter a pele dela. Eu gosto muito desses livros.”* Alexandra, 10 anos

*“A história da Tayó é muito legal, eu gostei por cause que lá era na África. Antigamente não tinha muita internet. E eu gostaria de falar que queria ter uma vida igual a dela, por cause que ela tinha pessoas do lado dela [E você não tem ninguém do seu lado?].... eu tenho gente do meu lado, só que ela tinha gente que gostava dela mesmo. Eu queria ter o cabelo igual o dela, todo pra cima.* Ruan, 9 anos.

Ter alguém que gosta de você mesmo, de verdade, como diz Ruan denuncia o quanto sociedade/escola ainda estão longe dessas relações de afeto.

As falas transcritas de um vídeo feito com estudantes sobre sua impressão acerca leitura feita do livro: *O mundo no Black Power de Tayó*<sup>4</sup>, de uma turma de 3º ano do ciclo de alfabetização, da escola pública já mencionada anteriormente. Esta turma em particular possui alunos com faixa etária que varia entre 8 e 14 anos. O fracasso escolar acompanha trajetória da maioria delas, quer seja por chegarem ao 3º ano ainda sem saber ler, quer seja pela quantidade de vezes que ficaram reprovadas, por questões das mais variadas ordens. De maioria negra, esta turma conseguiu me inquietar e me afetar de tal forma que me trouxe a construção deste trabalho, dentro de uma perspectiva de (re)pensar o currículo escolar, seu padrão ainda engessado e nas diferentes formas de contribuir para a construção do conhecimento junto aos estudantes. Deparei-me com a complexa dinâmica que envolveria trabalhar autoestima, respeito pra consigo mesmo e o outro, além de promover o desejo de estudar e de se manterem na escola, sobretudo os adolescentes, que faltavam bastante.

### ***Por que Tayó?***

Adquiri o livro das mãos da própria autora, Kiusam Oliveira que estava em Duque de Caxias para fazer o lançamento do seu livro: “O mundo no Black Power de Tayó”, além de dialogar com professores da rede pública de ensino. Ao reler o livro, pois já o tinha visto, com uma colega da escola, que o adquiriu em São Paulo, em outro evento. O desejo de estar com este material em mãos veio com a necessidade de revelar aos alunos, a quem vou sempre chamar neste texto de estudantes, a fim de quebrar a potência negativa que a palavra aluno evoca: *ausência de luz*. Pois, o fato de não saber determinados conhecimentos legitimados e oficializados pela escola, não os impede de saberem outros, não oficializados. A história e cultura africana nunca esteve tão presente, quanto às demandadas pelas leis 10.639/03 e 11.645/08. A obrigatoriedade de ambas fez e tem feito com que as redes públicas e privadas se mobilizem para implementá-las, apesar das resistências advindas de todos os segmentos que compõe estes espaços. De que forma tratar da

---

<sup>4</sup> Autora: Kiusam Oliveira. Ilustrações: Taisa Borges. Editora Peirópolis. Ano 2013 – 1ª edição

cultura africana, da religiosidade, da beleza de sua pluralidade étnica se não fosse por começar pelo tema identidade. Trazer este tema numa perspectiva das relações raciais foi importante para marcar o lugar social de negros e negras, maioria dos estudantes daquela turma e daquela escola, na busca pelo respeito, enaltecimento e valorização de um povo, com diversas formas e expressões, que tanto enriqueceu o mundo com sua rica cultura, advinda de seus diferentes povos. Soma-se a isso à riqueza da cultura indígena, já existente nesse lugar.

***Quando você ouve a palavra Tayó, o que vem a sua cabeça? É nome de gente? De bicho? É uma planta? O que é?***

Na realização do levantamento prévio a estas questões surgiram várias alternativas entre pessoas, plantas e animais. Ao ler o título do livro, perceberam que a personagem era uma pessoa. Pedi para que representasse essa pessoa. Alguns tinham referências pessoais sobre o Black Power outros não. Então surgiram meninas e meninos com cabelos crespos, ondulados, alisados, com características de mangá e até sem cabelos. Tayó é uma criança negra cujo nome em lorubá significa “*Dá alegria*” podendo ser masculino ou feminino. O que fez inicialmente, os estudantes a imaginarem de diferentes formas físicas. Felizes com a descoberta do significado desse nome africano quiseram saber a origem de seus nomes, que levei prontamente na aula seguinte. Nenhum nome fazia menção ao belo nome de Tayó, porém, encontraram virtudes semelhantes que possibilitaram reforçar sua autoestima. E ponho-me a refletir o quanto seria benéfico se em todas as turmas, principalmente nos anos iniciais de escolaridade se todas as crianças soubessem os significados e sentidos de seus nomes.

Um dos traços singulares nesta narrativa foi a descrição das características fenotípicas da menina tão minuciosa e cuidadosa do seu rosto até chegar no seu cabelo:

*Tayó te 6 anos. É uma menina de beleza rara. Encantadora, sua alegria contagia a todos que perto dela ficam. Seu rosto parece uma moldura de valor que destaca **BELEZAS INFINITAS**. Seus **OLHOS** são*



***NEGROS**, tão negros como as mais escuras e belas noites que do alto imitam com ternura qualquer ser vivo. Do fundo desses olhos escuros saem faíscas de um brilho que só as estrelas são capazes de emitir. Seu nariz parece mais uma larga e valiosa **PEPITA DE OURO**. Grossos e escuros como o orobô, seus lábios encantam, só se movendo para dizer **PALAVRAS DE AMOR**. Sobre a cabeça, a parte do corpo de que ela mais gosta, ostenta seu enorme cabelo crespo, sempre com um penteado chamado **BLACK POWER**<sup>5</sup>.*

Ao perceberem que se tratava de uma menina negra, cuja face se revelava aos poucos, com o avançar das páginas percebia-se a alegria no rosto de algumas crianças negras, e principalmente nas meninas, impactadas com tanta riqueza de detalhes ao mesmo tempo decepção nos meninos negros e não negros. Ali surgiu o que a dimensão de ser mulher e negra pode significar, em uma sala de aula majoritariamente negra e masculina: A mulher como minoria e desprovida de significados empoderadores, não cabendo outra construção ou representação social que fosse o da subalternidade. Palavras do tipo: ‘*neguinha do cabelo duro*’, ‘*macaca princesa?*’ ‘*Ela é bonita? Ela é muito preta, professora!*’ ‘*Parece com a fulana, beltrana apontando as colegas negras*. Risos. Ao retrucar, disse que Tayó se parecia com cada um de nós, negras e negros que estávamos naquela sala. Pois temos nossa beleza rara. Só tem um exemplar de nós, não existe outro igual. Se parece comigo, contigo, retrucando as falas mais agressivas e apontando para cada um. E parecer, não é o mesmo que ser igual idêntico. A imagem construída de mulher negra empoderada, bonita, tendo suas características físicas valorizadas, desde a infância, afetava cada um daqueles estudantes. Afinal, não é todo dia que se encontram histórias de valorização das características físicas de uma pessoa negra, sem estar ligada ao mundo do trabalho. A história de uma menina que vivia com a mãe, que reforçava sua autoestima através do cabelo Black Power, que era a parte do seu corpo que Tayó mais gostava despertou em alguns estudantes sentimento de alegria e pertencimento racial e em outros a raiva por ver o outro sendo empoderado e ele não. A fala de Alexandra, uma menina negra é reveladora do quanto ainda é necessário ser dialogado dentro e fora de sala

---

<sup>5</sup> Todas as palavras em negrito e em maiúsculas grifos da autora.

de aula para sua construção identitária. O fato de querer ser igual a personagem, não a fez ver que já o era. Que representações de si e do seu corpo negro Alexandra faz? Jacques d'Adesky (2001, p. 76) citado por Gomes, 2008 responde esta questão destacando que:

a identidade, para se constituir como realidade, pressupõe uma interação. A ideia que um indivíduo faz de si mesmo, de seu "eu", é intermediada pelo reconhecimento obtido dos outros em decorrência de sua ação. Nenhuma identidade é construída no isolamento. Ao contrário, é negociada durante a vida toda por meio do diálogo, parcialmente exterior, parcialmente interior, com os outros (p. 20-21).

Sendo assim, não apenas Alexandra, mas certamente a maioria de nós, pessoas negras participou desse processo de interação e sabemos que não foi e/ou é fácil. Nas relações construídas em sala de aula, as questões identitárias estão sempre presentes e vêm sendo negociadas, com os outros, cotidianamente.

Tayó, portanto, representa a igualdade de gênero e respeito às diferenças. Na visão da autora Tayó é uma menina, mas poderia ser um menino. E também poderia ser menina e menino no mesmo corpo, respeitando as interseccionalidades de gênero presentes em nossa sociedade e que neste texto não cabe agora adentrar esta discussão, embora entendendo que mais cedo ou mais tarde, à escola não deva se furtar a ela. A questão está no exercício da alteridade que despersonaliza outro do seu processo de *torna-se*, de *vir a ser* alguém, enfim, da pessoa negra torna-se negra. Portanto, essa história infantil traz para dentro da escola, estratégias de combate ao racismo e a discriminação racial, pelo viés da afetividade e elevação de autoestima, sobretudo nas crianças negras, maiores vítimas desse processo de exclusão, pois aprenderam desde cedo a se negarem enquanto sujeitos portadores de uma história de embelezamento e potência.

Sobre o corpo se assenta toda uma rede de sentidos e significações. Esse não é apartado do todo, pertence ao cosmos, faz parte do ecossistema: o corpo integra-se ao simbolismo coletivo na forma de gestos, posturas, direções do olhar, mas também de signos e

inflexões microcorporais, que apontam para outras formas perspectivas (SODRÉ, 1996, p.31).

*O processo tenso e conflituoso de rejeição/aceitação do ser negro é construído social e historicamente e permeia a vida desse sujeito em todos os seus ciclos de desenvolvimento humano: infância, adolescência, juventude e vida adulta. (Gomes, 2008)<sup>6</sup>*

A construção desse projeto de transformação até sua realização foi balizada durante os encontros com os sujeitos dessa narrativa, durante uma semana, de forma intercalada, além de ser atravessada por atividades outras tais como seminários, simpósios, cursos em que palestrantes experientes em suas práticas em seus espaços de atuação, possibilitaram uma reflexão durante todo o processo de realização. Nesta parte busco apresentar o processo metodológico, estabelecendo interfaces, tanto teórico quanto práticos refletindo minha atuação pedagógica na intervenção direta no/do cotidiano escolar, visando às construções identitárias de estudantes negros e não negros. Chegar ao tema proposto partiu do olhar inicial sobre a diversidade no cotidiano escolar, porém, como tratar de tal diversidade, em uma sala de aula majoritariamente negra?! Logo, a diversidade deu lugar à identidade.

Um mergulho e aprofundamento destas questões vão nos mover para caminhos que antes jamais estaríamos navegando. Em uma de suas falas, o professor Munanga traz de contribuição, ao nos fazer pensar indo além do que está visível, a ponta do iceberg, e nos aprofundarmos em suas bases nos impulsiona a mexer num tema espinhoso para alguns e muito caro para outros, afinal de contas, até quando a escola vai escamotear este debate, até onde mais ela suporta? Como os professores vêm lidando com esta discussão uma vez que, (tenho visto constantemente) as desculpas para não realizar ações que repense a construção do ser negro perpassam pela representação subjetiva que cada um construiu de 'ser negro' para si mesmo. E vejo aí a maior dificuldade de lhe dar com este tema é a

---

<sup>6</sup> Do livro: Sem perder a raiz: Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. p.124

desconstrução de tudo o que é negativo que foi e ainda vem sendo atribuído aos ser humano negro.

*“As lágrimas que descem pelo seu rosto não tiram sua visão.”  
Provérbio africano*

*“Não se arrependa de nada. É preciso continuar a aprender e se aperfeiçoar e não será na escola que você poderá fazê-lo. A escola dá diploma, mas é na vida que a pessoa se forma”.*

Finalizo este trabalho resgatando o seu título ***Projeto de transformação: Do cabelo ao corpo inteiro: Raízes do empoderamento de crianças negras na construção de identidades e respeito às diferenças*** complementado pelas duas epígrafes. Neles busco resgatar a importância da realização desse trabalho para o cumprimento das ações do curso e para além dele, para o cumprimento de uma ação cidadã, que se espera de professoras e professores comprometidos com a educação antirracista. Procurei explicitar as motivações para as construções desse trabalho e a escolha pelos anos iniciais do ensino fundamental, e não com professores, por exemplo, me traz à dimensão de dever cumprido, pois uma coisa é estar sugerindo o que fazer aos outros, em seus cotidianos com suas marcas próprias, singulares, outra coisa é propor e desenvolver tais ações em nosso próprio cotidiano, com nossos alunos e alunas, aqueles que nos desafiam e que são nossa razão de estarmos nessa profissão. Dialogar com crianças negras sobre negritude, sobre as formas perversas de como o racismo se instaura e mexe, fere, magoa nossas identidades, provocando um novo sentimento nelas foi bastante enaltecido. Sinto-me com a sensação de dever cumprido, respeitando as devidas proporções.

Os estudos das relações raciais irá mexer, como tem mexido não apenas nas relações teórico-práticas dos currículos escolares e nas diversas esferas de ensino, onde este tema se aplica. Ele mexe com subjetividades, envolve e requer compromisso de todas e todos, não apenas dos povos que historicamente foram e ainda vem sendo oprimidos, como os negros e os indígenas. Com resistências e insistências, com lágrimas e/ou sem lágrimas,

---

<sup>7</sup> Do livro Amkoullel, o menino fula. De Amadou Hampâté Bâ. P. 334

As pessoas precisam ser potencializadas para que tenham condições de se defender, de se colocar no mundo, de se por caminhando na construção de sua história. A discussão das relações étnico-raciais é uma realidade (sendo fruto dos movimentos sociais negros e também indígenas) que busca um lugar não apenas para acomodar suas histórias e trajetórias mas para (re)pensar a sociedade brasileira apontando que o que a constitui e a faz ser como ela é, está justamente na sua capacidade de ser múltipla e diversa. E, nas relações construídas nas diferenças, como potência e não no acirramento das desigualdades.

Somos educados, no sentido de termos passado pela escola e pela formação que ela nos traz, no tocante à temática racial (que nunca nos contemplou) urge sermos *reeducados*. Urge também, construirmos um diálogo franco e aberto em nossos espaços de atuação que vão pra além de receber um diploma oferecido no final, mas que possamos de fato intervir, estabelecendo mudanças significativas. Vamos com lágrimas, pois elas não nos cegam, não nos tiram a visão. Vamos superando a dor, vamos conscientes de que nosso papel só está começando, pois muitas transformações haveremos de promover nesse duro, porém, mutável, cotidiano escolar.

Como combater o racismo no espaço escolar? É possível combater o racismo e práticas racistas sem diálogo, sem planejamento pedagógico, sem (re)pensar o currículo e a hierarquização/eleição de conteúdos “prioritários”? O que a ausência desta discussão suscita na escola?

A ausência da discussão anti-racista no planejamento escolar impede a promoção de boas relações entre aqueles que integram o cotidiano da escola. Tal ausência pode levar à ocorrência de oportunidades diferentes para os alunos brancos e para os alunos negros se sentirem aceitos, respeitados e positivamente participantes das atividades desenvolvidas na escola. Ou seja, um tratamento diferenciado direcionado aos alunos brancos, tais como: doação de carinho, agrados, estímulos, incentivos, atenção, entre outros, pautado no pertencimento racial. (Cavaleiro, 2006)

Apresento algumas possibilidades que venho pesquisando e incorporando às minhas ações e que pretendo aprofundar ao longo da minha trajetória, dentro e fora da escola:

✓ Primeiro é necessário **reconhecer que existe racismo no Brasil** e que sua existência tratada de maneira velada, em muitos espaços contribui cada vez mais para o aumento da exclusão social e racial. No corpo negro, o cabelo, fonte de empoderamento e elevação da autoestima para muitos, traz ainda marcas de muitas exclusões e tentam impor reservando um lugar social, para aqueles que não se adequam a um modelo pré-estabelecido.

✓ Segundo **reconhecer-se racista** – algo difícil de se conceber, porém urgente e necessário, se o desejo for de mudança. Não nascemos racistas, mas nos tornamos. E ao longo da nossa história percebemos o quanto carregamos como herança cultural o mito da democracia racial, nos fazendo acreditar que nosso país era, e para muitos ainda é um paraíso racial, sem desigualdades, sem diferenças.

✓ Terceiro **aprender a cobrar, exigir, reivindicar formas mais eficazes no combate ao racismo em todos os níveis em que este possa atingir**. Pois concordando com Gomes, 2007:

Quanto mais a sociedade, a escola e o poder público negam a lamentável existência do racismo entre nós, mais o racismo existente no Brasil vai se propagando e invadindo as mentalidades, as subjetividades e as condições sociais dos negros. O abismo racial entre negros e brancos no Brasil existe de fato. As pesquisas científicas e as recentes estatísticas oficiais do Estado brasileiro que comparam as condições de vida, emprego, saúde, escolaridade, entre outros índices de desenvolvimento humano, vividos por negros e brancos, comprovam a existência de uma grande desigualdade racial em nosso país. Essa desigualdade é fruto da estrutura racista, somada a exclusão social e a desigualdade socioeconômica que atingem toda a população brasileira e, de um modo particular, o povo negro ( p. 47).

✓ Quarto e, por enquanto, último **valorizar a própria existência**. Se não me amo, “não me reconheço como pessoa, portadora de direitos” e de uma vida digna não conseguirei me firmar e auto-afirmar num mundo tão desigual. É necessário aprender a ter cuidado consigo mesmo. Promover e valorizar as relações de afeto para fortalecer o aprendizado de nossas crianças,

jovens e adultos, de todas as raças e não apenas de criança, jovens e adultos brancos.

Devemos acreditar em todas as possibilidades de mudança, ainda que as circunstâncias digam que estamos longe de mudar. Porém, cabe a cada um de nós ousar, unir esforços na construção de uma sociedade que respeite as diferenças, que promova a equidade, que fortaleça todas as identidades presentes na sociedade e não aquelas que se encontram já empoderadas e potencializadas. Fecho por ora este trabalho com uma reflexão e homenagem à pessoa que me estimulou ao longo desses anos a pensar na construção de uma educação antirracista, a prof. Dra. Azoilda Loretto da Trindade:

Em meio a este turbilhão de imagens, uma sensação me toma: a consciência do imenso amor que me nutre, o amor por todas as crianças, futuro da humanidade, e em especial por aquelas que têm — por motivos perversamente humanos como o racismo, o machismo, a ambição, a ganância, o egoísmo, a insensibilidade — seu direito à infância roubado, sua imagem de criança invisibilizada, a história do seu povo, dos seus ancestrais submergida, negada ou subalternizada. Neste movimento pendular, na linha tênue que separa a vida da morte, a alegria da tristeza, faço minha opção pelos vivos, sem deixar de memorar os mortos. VIDA, VIDA, VIDA... Como promover a Educação pela VIDA e para a VIDA, na qual a exclusão, a subalternização e a desumanização do Outro não sejam possíveis?<sup>8</sup>

### ***Referências bibliográficas?***

BÂ, Amadou Hampâté, 1900-1991. *Amkoullel, o menino fula*. Tradução Xina Smith de Vasconcellos. São Paulo: Palas Athena: Casa das Áfricas, 2003.

BENTO. Maria Aparecida Silva. *Aprendendo e ensinando relações raciais no Brasil afetividade* In: Saberes e fazeres, v.1: modos de ver / coordenação do projeto Ana Paula Brandão. - Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2006

---

<sup>8</sup> Disponível em: <http://fpedern.blogspot.com.br/2015/05/valores-civilizatorios-afro-brasileiros.html>. postado em sábado, 9 de maio de 2015. Data da pesquisa: 30/09/2015.

BOFF, Leonadro. *Saber cuidar: Ética do Humano- compaixão pela terra*. Petrópolis, RJ. Editora: Vozes, 1999.

CAVALEIRO, Eliane. *Relações raciais no cotidiano escolar: implicações para a subjetividade e a afetividade*. In: Saberes e fazeres, v.1: modos de ver / coordenação do projeto Ana Paula Brandão. - Rio de Janeiro : Fundação Roberto Marinho, 2006.

CLAM/UERJ. *Gênero e Diversidade da Escola*. Formação para professores/as em Gênero, sexualidade, orientação sexual e Relações Étnico-Raciais Livro de conteúdo, versão 2009

GOMES, Nilma Lino. *Educação e Relações Raciais: Refletindo sobre algumas estratégias de atuação*. In Superando o Racismo na escola. MEC/SECAD. Brasília, 2005.

\_\_\_\_\_. Diversidade e Currículo. In: Indagações sobre o currículo. Brasília, 2007.

\_\_\_\_\_. Sem perder a Raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. 2 ed. Belo Horizonte, Autêntica, 2008.

LEVINAS, E. *Ética e infinito*, Lx: Ed. 70, 1988.

LIMA, Elvira S. *Currículo e desenvolvimento Humano*. In: Indagações sobre o currículo. Brasília, 2007.

LOPES, Vera Neuza. *Racismo, Preconceito e Discriminação*. In Superando o Racismo na escola. 2ª edição revisada / Kabengele Munanga, organizador. – [Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

MEC/SECAD. *Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais* Brasília: SECAD, 2006.

MUNANGA, Kabengele (Org). *Superando o Racismo na escola*. 2ª edição revisada / . – [Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

OLIVEIRA, Kuisam de. *O mundo no Black Power de Tayó*. Editora Peirópolis. SP, 2013.

SODRÉ, Muniz. *Reiventando a cultura: a comunicação e seus produtos*. Petrópolis, Vozes, 1996.

TRINDADE, Azoilda Loretto. *Educação-Diversidade-Igualdade: num tempo de encanto pelas diferenças*. In Fórum da Diversidade e Igualdade: Cultura, Educação e MídiaUnesp/FAAC - Bauru-SP, 2008.



ZUBARAN, Maria Angélica & SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. *Interlocuções sobre estudos afro-brasileiros: pertencimento étnico-racial, memórias negras e patrimônio cultural afro-brasileiro*. In *Currículo sem Fronteiras*, v.12, n.1, pp. 130-140, Jan/Abr 2012.